

# Discussões e cartografias sobre o envelhecimento feminino em contos de Clarice Lispector

Ademilson Filocreão Veiga<sup>1</sup>

Denise dos Santos Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo pretende capturar e discutir as ressonâncias subjetivas de jovens leitoras da Escola Simão Jatene, localizada no município de Cameté, no Pará, sobre gênero e o envelhecer. Tais leitoras frequentam o espaço da sala de leitura Clarice Lispector, onde foram realizadas dinâmicas variadas para estabelecer o contato com as obras artísticas e literárias da escritora naturalizada brasileira de mesmo nome da sala. Desta forma, percebemos na figura Clariceana um impulso consistente para discutir sobre o estigma da velhice feminina abordado em dois contos, *Mas vai chover* e *Feliz Aniversário*. Enquanto no primeiro o envelhecimento da mulher é abordado na ótica dos relacionamentos, no segundo ele é alçado pelo contexto familiar opressor. Partindo dos pressupostos teóricos de Passos, Kastrup e Tedesco sobre cartografia, Beauvoir com os estudos de gênero, bem como Santos e Correa para a compreensão do corpo feminino como parte de sua identidade e presença, percebemos no decorrer da pesquisa os atravessamentos das obras no público feminino da escola, ao mesmo tempo em que reforçam estereótipos a respeito da mulher mais velha, apresentam o despontar para uma consciência a respeito da problemática. Além de considerarmos a atualidade do legado de Clarice, que é corajosa o bastante para tecer duas narrativas que abordam tabus e demonstram uma sociedade opressora e machista para com a mulher. Põe-se em foco o efeito que as histórias propõem, levando as alunas a um novo parecer de sua própria existência como mulheres, além da abordagem necessária para com o tema.

Palavras-chave: Gênero. Clarice Lispector. Velhice.

## DISCUSSÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO FEMININO

A velhice é uma condição a qual ficamos no decorrer da passagem dos anos, tempo este que leva nossa juventude e a afirmação que nos coloca como pertencente a uma sociedade. Naturalmente, somos colocados numa classificação social (a de velho), velhos esses que passam a viver com uma série de limitações e implicações causadas pela falta de respeito e cidadania.

No mundo contemporâneo a velhice é bastante marginalizada, pois

---

<sup>1</sup> Bolsista PIBIC/CNPQ. E-mail: filocreaoademilson@gmail.com

<sup>2</sup> Bolsista PIBIC/CNPQ. E-mail: nisessattos@gmail.com

a pessoa idosa de hoje já não anda de acordo com a velocidade do mundo globalizado, que acaba deixando-as para trás e tornando-as um problema. Há uma nova forma de vida da sociedade moderna, onde a lógica do mundo capitalista exclui e marginaliza quem não se encaixa nos padrões exigidos num mundo movido na produção de bens de consumo.

Em reforço a esse mundo existe uma população de pessoas idosas que não estão mais no mercado de trabalho e que se encontram solitárias e subjugadas em suas casas pela família como uma pessoa sem utilidade, doente e sem importância por ser velha. Então, podemos perceber que a nova forma de vida das pessoas acabou influenciando nas relações sociais com o outro, quando este se encontra não útil ao desenvolvimento do mundo movido pelo grande capital. Logo, a velhice é estereotipada pela sociedade como algo ruim e sem utilidade, pelo fato de não servir a um trabalho ou ao bem de consumo que somos impulsionados todo o momento a ter para nos sentirmos parte do desenvolvimento.

O assunto em questão é de uma sensibilidade de nos colocar no lugar do outro como cidadão, e sensíveis às lutas dessas duas designações, velhice e o público feminino. Nessa perspectiva trataremos sobre o envelhecimento feminino e suas implicações para a mulher. São questões de extrema importância para mostrar e conscientizar as pessoas, pois devemos desmitificar essas questões. A velhice precisa ser vista não como uma limitação, mas como uma conquista de uma pessoa e principalmente de uma conquista feminina, precisa ser respeitada. Então, é necessário romper com os discursos sobre a velhice feminina como coloca Belo (2013, p.09):

Têm-se, assim dois discursos confluentes na construção da velhice feminina para a atual geração de mulheres idosa: de um lado, a passividade e a submissão prescrita pelo ser feminina; do outro, o modelo de velhice plena de dependência, submissão, passividade, assexualidade, do ser idosa [...]

Esses discursos são de grande repercussão pelas pessoas. A mulher idosa é retratada como algo inofensivo que é incapaz de reagir sobre algo e que depende a todo o momento das outras pessoas para exercer suas atividades diárias, submissa em aceitar qualquer coisa. E, outro discurso bem interessante que o autor coloca é a questão da sexualidade da mulher, que por ser idosa passa a ser vista como sem vontades sexuais ou com ausência da mesma.

A definição de velhice é carregada de negatividade, mas segundo Horn (2013, p.22) “o sujeito fica velho, pois o corpo envelhece, mas a velhice também possui segredos e virtudes passíveis de manifestação”. O velho

não é somente um corpo em estado envelhecido, são pessoas com uma vasta história, de experiências que são próprias da velhice.

Os maiores problemas enfrentados pela pessoa idosa são os estereótipos e os preconceitos mencionado por Oliveira (2007,) ”típicos dessa fase da vida, em especial a velhice feminina. Esta, por sua vez, também estará relacionada à questão familiar”. Em especial a figura feminina, por ser vista num estágio de extrema degradação do corpo, onde tudo muda e com isso surge a questão do julgamento da “velha acabada de cabelo branco”. Este-reótipos esses onde a mulher idosa ou velha não pode ser considerada bonita de forma alguma. Com isso Maria Barbosa (2003, p.165, apud OLIVEIRA, 2007, p.60) menciona:

Um dos estereótipos mais arraigados sobre mulheres idosas é a imagem da mulher velha descrita como aquela que não possui nem evoca sentimentos sensuais ou apaixonantes. Tais sentimentos quando expressos são considerados aberrantes e anormais. Portanto, ser mulher e velha constitui um cargo e uma carga com peso dobrado na nossa sociedade.

Esse olhar da sociedade é opressor para a mulher, pois a mesma não pode usufruir de sua vontade temendo o olhar de discriminação dos outros, alimentando o discurso de que a mulher idosa tem que se portar, porque sua idade não a permite a determinados comportamentos. E se fugir disso sofre represália com os julgamentos construídos socialmente.

Dessa forma verifica-se que a figura feminina sofre mais, pois tem relação com uma questão cultural e histórica onde a mulher sempre foi polida e subjugada por ser o “sexo frágil”. Ainda segundo Oliveira (2007) é na fase da velhice que a mulher costuma ter a sua libertação pessoal, por ser na maioria das vezes viúva, pois as mulheres tem uma perspectiva de vida maior que a do homem e também não tem os pais para reprimi-las.

Nessa fase, ela tenta compensar o que não pôde viver na sua juventude, mas em contrapartida depara-se com a repressão social, incluindo aí a família que a faz a matriarca, tendo por isso que “dar o respeito”. Assim, acabam se restringindo aos afazeres domésticos da casa e aos cuidados com os netos. Mas, quando não mais conseguem exercer essas funções são consideradas um infortúnio à família por não serem mais úteis às tarefas. Restringem-se ao isolamento e solidão. Esse isolamento causado pela exclusão familiar causa a tristeza, o ócio, a depressão e conseqüentemente reforçam o sentimento de abandono por parte dos familiares.

Como descreve Simone de Beauvoir (1990):

[...] Isola-se do meio a que se considera superior; encerra-se com o segredo que traz no coração e é a chave misteriosa de sua sorte; procura tornar a ponderar as possibilidades que não esgotou. Põe-se a escrever um diário íntimo; se encontra confidentes compreensivos, expande-se em conversas indefinidas; e ruma dias e noites suas queixas e seus ressentimentos”. (p.345)

Sofrimento igualmente vivido na fase da adolescência, incompreendida e inferior, a mulher idosa está passando por um momento de incompreensão, pois seus hormônios já não são mais os mesmos. Beauvoir, prosseguindo, nos traz essa temática com a seguinte análise:

“A HISTÓRIA da mulher — pelo fato de se encontrar ainda encerrada em suas funções de fêmea — depende muito mais que a do homem de seu destino fisiológico. Todo período da vida feminina é calmo e monótono: mas as passagens de um estágio para outro são de uma perigosa brutalidade; evidenciam-se através de crise muito mais decisivas do que no homem: puberdade, iniciação sexual, menopausa. Enquanto ele envelhece de maneira contínua, a mulher é bruscamente despojada de sua feminilidade; perde, jovem ainda, o encanto erótico e a fecundidade de que tirava, aos olhos da sociedade e a seus próprios olhos, a justificação de sua existência e suas possibilidades de felicidade: cabe-lhe viver, privada de todo futuro, cerca de metade de sua vida de adulta”. (p.343)

A afirmação da autora é um retrato da vida feminina durante toda a vida, pois as fêmeas passam ao longo de seu processo de maturação por fases muito turbulentas causadas pela manifestação dos hormônios. Com isso, a passagem do tempo se torna mais impactante socialmente e fisicamente falando, enquanto que o homem não sofre grandes implicações no âmbito social. No âmbito físico, a maturidade pode lhe trazer mesmo um *status* de experiente, respeitável.

Partindo das reflexões acima, essas questões refletem nos contos de Clarice Lispector, *Mais vai Chover* e *Feliz Aniversário*. Verifica-se nesses contos a sensibilidade da autora na representação da mulher idosa. Numa história acontece o envolvimento amoroso onde a diferença de idade implica substancialmente na vida dessa mulher. Na outra, nos mostra a vivência da mulher idosa com a família, questões bem frequentes na modernidade, onde há mais presença de pessoas idosas na família, já que passamos a viver mais. Logo Clarice nos presenteou com duas obras que refletem sobre nós mesmos e a maneira como enxergamos as nossas mulheres idosas.

No conto *Mais vai Chover* temos o envolvimento de uma mulher mais velha com um jovem rapaz, não diferente do que temos hoje. A mulher pode

ser desejada e ter um relacionamento com um rapaz mais novo sem nenhum problema a não ser pela questão do estigma social. E a personagem Angélica envolve-se então: “Observou que ele tinha umas poucas espinhas no rosto. Mas isso não lhe alterava a beleza e a masculinidade: os hormônios lá ferviam. Aquele, sim, era um homem.” (LISPECTOR, 2016, p.586). Os hormônios dele o validam como homem. Em contraponto, Angélica está na velhice, de forma que os hormônios baixam, portanto já não era mais “uma mulher”. Ela perdeu o vigor, que vê nele. É desta forma que Clarice questiona que é preciso que “se pareça uma mulher” através dos hormônios. Assim, na velhice, ela é desqualificada pela baixa destes. A velhice torna-se a fase menos significativa para elas, causado pelo sentimento de se sentir menos mulher pelo quantitativo de seus hormônios, desse modo sentir-se abaixo do nível de sua feminilidade. Outro fator é o fato de que nem sempre a mulher está preparada para enfrentar a passagem dos anos, em virtude de esta causar nelas um horror.

No conto *Mais vai Chover*, Angélica sofre com a ridicularização da mulher mais velha por conta do relacionamento com o homem jovem, no trecho: “disse com uma vozinha cantante e com trejeitos de mocinha romântica” (p.586). Aqui ela é tratada de maneira “ridícula”, como se tivesse perdido o jeito para flertar, quase como se flertar a essa altura da vida fosse desproporcional, como uma “mocinha” que já não era. Angélica tem que conviver com a desaprovação da sociedade, os vizinhos a ridicularizam pelo envolvimento amoroso. Isso demonstra o quanto a sociedade cria um padrão que as pessoas devem obedecer e pedir permissão para atos não apropriados, pois se não é da aprovação da sociedade conservadora a repressão é certa, representada por Clarice neste conto.

Já no conto *Feliz Aniversário* vê-se a velhice num outro extremo, relacionada à questão familiar. Neste conto temos a percepção do convívio das famílias onde a idosa é tratada de forma infantilizada, comparada a uma criança. Fato este demonstrado na organização de seu aniversário:

Zilda, a dona da casa, arrumara a mesa cedo, enchera-a de guardanapos de papel colorido e copos de papelão alusivos à data, espalhara balões sungados pelo teto em alguns dos quais estava escrito —Happy Birthday!, em outros —Feliz Aniversário! (LISPECTOR, 2016, p.180)

O cenário do aniversário é bem característico a um aniversário de criança, onde tudo é bem colorido e alegre. Mas a vida de nem sempre é assim: “E de vez em quando aquela angústia muda: quando acompanhava, fascinada e impotente, o vôo da mosca em torno do bolo.” (p. 180). É marcado o tédio de sua vida cotidiana, a impotência frente à família hipócrita.

Amargura, angústia e conformidade. “Todos aqueles seus filhos e netos e bisnetos que não passavam de carne de seu joelho, pensou de repente como se cuspsse.” (p. 185). Observa-se que Anita já toma como insustentáveis as relações familiares, o que demonstra seu fracasso como matriarca e também amargura. O cuspe é a exteriorização desse pensamento, a forma como ela diz qual foi o resultado daquela família. Retrata a repugnância da família a qual fazia parte. Era um momento cheio de hipocrisia o seu aniversário:

“— Vovozinha, não vai lhe fazer mal? insinuou cautelosa a neta roliça e baixinha.

— Que vovozinha que nada! explodiu amarga a aniversariante. — Que o diabo vos carregue, corja de maricas, cornos e vagabundas! me dá um copo de vinho, Dorothy! — ordenou.” (LISPECTOR, 2016, p.186)

A explosão de D. Anita, onde ainda pede vinho, que também não seria recomendável pra sua idade. Eles se assustam com seu comportamento, pois estão acostumados com a passividade da senhora. Aí também é destacada a ideia de que todo “velho” deve ser calmo, sereno e bondoso. Quando na verdade são pessoas com sentimentos e podem sim tomar decisões e manifestar-se, não como alguém que já perdeu sua lucidez. O que se observa é que geralmente as datas comemorativas para homenagear a idosa são somente simbólicas, quando na verdade a festa é pensada para os demais convidados.

“Enquanto isso, lá em cima, sobre escadas e contingências, estava a aniversariante sentada à cabeceira da mesa, ereta, definitiva, maior do que ela mesma. Será que hoje não vai ter jantar, meditava ela. A morte era o seu mistério.” (p.192). A morte era seu segredo, pois só ela podia almejar morrer, a morte era o seu alívio e o seu “trunfo” contra a família, porque só ela sabia quando iria morrer. Portanto, todos ainda teriam que vir obrigados ao aniversário. Assim, Dona Anita aparenta gostar de causar esse constrangimento, o usa como arma para “ser vista” pelos filhos, para marcar presença.

## **A CARTOGRAFIA DE ALUNAS DA SALA DE LEITURA**

Dando continuidade a este trabalho, prosseguiremos com este tópico para as ressonâncias subjetivas dos alunos da escola Abraão Simão Jate-ne, do município de Cametá, no Pará, onde foram realizadas atividades de contato com as obras de Clarice Lispector dentro da sala de leitura batizada com seu nome. Dentre as diversas dinâmicas trabalhadas, um dos autores desse artigo, responsável pelo projeto de pesquisa financiado pelo PIBIC/CNPQ, fez a leitura de dois contos que serão o foco desse estudo, “Mas vai

chover” e “Feliz Aniversário”. Ambos geraram debates diferenciados sobre a velhice feminina e se propõem a discorrer sobre a temática sob pontos de vista diferentes.

A cartografia enquanto método de pesquisa que visa não apenas descrever um campo científico, mas intervir nele, foi a escolha mais viável para o andamento do projeto, já que sua base reside na possibilidade de desenhar um mapa, um caminho para alcançar resultados, sem no entanto estar de-veras preso em seus traçados, muito pelo contrário, também atentar para o imprevisto, as impressões que as alunas tem em questão de segundos, cultivar o olhar atento e empático de pesquisadores que lidam com um campo subjetivo.

Nas palavras das autoras Passos e Barros (2009) em *Pistas do Método da Cartografia*, temos: “A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados” (p.17). Desse modo, “a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa” (p.17). Sabendo da intenção de capturar reações subjetivas das alunas da sala de leitura, escolhemos Clarice Lispector para auxiliar nesse caminhar, já que se trata de uma autora que se debruça nos conflitos internos humanos, a partir de uma escrita existencialista e extremamente lírica.

A partir daí, depois de termos falado sobre a velhice feminina, esse tópico se atentará à observação do tema nos contos clariceanos cruzando-os com as ressonâncias subjetivas dos alunos. “Mas vai chover”, o primeiro conto lido para as alunas, trata do relacionamento de uma mulher mais velha com um rapaz. O conto começa com as seguintes palavras:

Maria Angélica de Andrade tinha sessenta anos. E um amante, Alexandre, de dezenove anos. Todos sabiam que o menino se aproveitava da riqueza de Maria Angélica. Só Maria Angélica não suspeitava. Começou assim: Alexandre era entregador de produtos farmacêuticos e tocou a campainha da casa de Maria Angélica. Esta mesma abriu a porta. E deparou-se com um jovem forte, alto, de grande beleza. (LISPECTOR, 2016, p.585)

Maria Angélica se encanta com a juventude do entregador, em contraponto ao avanço de sua idade. “Enquanto ele comia pouco à vontade, ela embevecida o olhava. Ele era a força, a juventude, o sexo há muito tempo abandonado” (Ibid.). Assim, percebemos que Clarice constrói o encontro para enfatizar que Angélica vê em Alexandre todas as possibilidades retornando, antes perdidas com o envelhecimento. A força, a juventude, o sexo, suas chances concentradas na figura dele, como se precisasse disso para

afirmar algo socialmente, sua feminilidade estigmatizada e perdida por critérios sociais do envelhecer. Ao serem questionadas sobre o relacionamento dos personagens, as alunas o definiram principalmente como “estranho” e “feito”, enfatizando que a opinião advinha de experiências de sua vida e comunidade, reforçando a ideia de que a velhice da mulher é uma forma instituída de invisibilizá-la. Mesmo a descrição de Lispector para a consumação carnal entre os dois é feita de maneira a reforçar essa ideia, de maneira boba, de certa forma infantil, destacando a ansiedade de Angélica, seu desespero. Como se vê em:

O que se passou em seguida foi horrível. Não é necessário saber. Maria Angélica – oh, meu Deus, tenha piedade de mim, me perdoe por ter que escrever isto! – Maria Angélica dava gritinhos na hora do amor. E Alexandre tendo que suportar com nojo, com revolta. (Ibid., 2016, p.587)

O fato de Angélica “dar gritinhos na hora do amor” nos faz supor que há muito tempo não conhecia a própria sexualidade, que a passagem do tempo a fez ser desinteressante para os homens de maneira sexual. Nas palavras de Mariele Rodrigues Correa:

Um corpo que o tempo não atravessa, com o ideal de permanecer eternamente jovem, cristalizado na sua fase *áurea* da vida, a juventude... As rugas, a flacidez, os cabelos brancos de fato não são valores exaltados pelos padrões de beleza; ao contrário, são indesejáveis. (CORREA, 2009, p.90)

A partir do trecho destacado acima, podemos compreender o motivo das alunas não terem aprovado a relação de Angélica e Alexandre, muito embora estivesse movida pelo interesse financeiro *dele*. Mas o mau caráter do rapaz não foi destacado a princípio. Percebe-se que é só da parte da mulher que tal ideia se torna “estranha”, pois atribui-se à mulher idosa o comportamento casto, sábio, ausente do uso de sua sexualidade. Aquelas que fogem à regra não são bem vistas, pois “a mulher é bruscamente despojada de sua feminilidade; perde, jovem ainda, o encanto erótico e a fecundidade de que tirava, aos olhos da sociedade e a seus próprios olhos, a justificação de sua existência e suas possibilidades de felicidade” (BEAUVOIR, 1970, p.343).

Por outro lado, enquanto a maior parte das alunas desaprovou o relacionamento, as demais destacaram o machismo implícito, que o mesmo não aconteceria caso o homem fosse o mais velho da relação. A ressaltar uma aluna, “quando o homem é mais velho do que a mulher ninguém repara, o contrário todos apontam o dedo”. Algumas rebateram, “igual quando a

mulher trai, todos acusam ela, mas o homem pode trair, muito injusto”. Outra disse: “Mas, na maioria das vezes nós mulheres somos preconceituosas entre nós. Nós mesmas criticamos”. Percebemos o começo de uma desconstrução, a partir da observância dos seus próprios atos de fala, da significação que eles carregam. Com certeza, essa inquietude levou a aluna a diversos (re) pensares. Pois parece impossível para o rapaz “pegador” apaixonar-se por uma mulher mais velha sem interesses financeiros. Boa parte das meninas da sala de leitura, já afetadas por pré-conceitos sociais, demonstrou receio de se relacionar com homens mais velhos por medo de ficarem com a fama de interesseiras. Pois “envelhecer é aproximar-se das características socialmente atribuídas às mulheres. É fragilizar-se, enfraquecer, reconhecer a dependência e experimentar o cuidado” (MARREIROS, 2012, p. 201).

Como dito, também fizemos a leitura de outro conto da autora, “Feliz aniversário”, que trata da festa de aniversário de D. Anita. Tal festa não tem o teor esperado de comemoração, pois a família se imerge num caráter de aparências, má vontade, falsidade, desgosto e desestrutura familiar. Afetada por essa hipocrisia está Dona Anita, uma mulher que é impedida de ter voz, que sofre pelo desgosto da família medíocre.

O discurso dominante é de seus filhos, que a tratam como um cadáver vivo. Como percebe-se em “dada a primeira talhada, como se a primeira pá de terra tivesse sido lançada, todos se aproximaram de prato na mão, insinuando-se em fingidas cotoveladas de animação, cada um para a sua pazinha” (LISPECTOR, 2016, p.184). Podemos notar que Lispector constrói o conto de modo a insinuar que todos estão ali fingindo empolgação e esperando que Anita morra para que não tenham de comparecer a mais aniversários. Os parentes a tratam de maneira infantilizada e Anita se cala, comunicando-se apenas através do cuspe para reforçar o caráter “imoral” de sua existência, já que deveria ter morrido há muito tempo para a família. Sua revolta através do cuspe simboliza a expurgação e a sujeira das relações familiares. “[...] O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria.” (LISPECTOR, 2016, p.185). Nas palavras de Santos:

A identidade consolida-se na percepção que tem o sujeito do seu poder sobre si mesmo, sobre os outros e os acontecimentos. Logo, o sentimento de ser rejeitado, desvalorizado, destituído de poder pelo grupo social pode atingir a identidade pessoal em suas dimensões de valor, poder e autonomia (SANTOS, 1996, p. 61).

Diante disso e sabendo que “o tronco fora bom”, Clarice nos mostra que Anita era submissa ao marido e agora, como viúva, deveria ser a líder da família, mas não é respeitada por seus parentes.

Para discutirmos as temáticas do conto, resolvemos adaptar a história para texto teatral depois da leitura do conto. Assim, seria mais fácil ter empatia por Anita, já de fato vivenciariam seu contexto familiar opressor. Como fala Simone de Beauvoir, “a mulher sobre quem pesa uma tradição de decência e de honestidade” (1970, p.347), quando não segue as normas sociais para o seu envelhecimento, é rotulada como incapaz, perturbada.

Em se tratando da adaptação do conto, durante os ensaios discutimos sobre a situação da personagem principal e os participantes citaram termos como “aparências” e “falsidade”, dando-nos a crer que as relações caminham cada vez mais para fragilidades e segundas intenções. Outros relembrou situações dentro da própria família, onde um membro era invisibilizado após “não servir mais”. Em sua obra “A Velhice” (1990), Simone de Beauvoir destaca que:

O velho - salvo exceções - não faz mais nada. Ele é definido por uma *exis*, e não por uma *práxis*. O tempo o conduz a um fim - a morte - que não é o *seu* fim, que não foi estabelecido por um projeto. E é por isso que o velho aparece aos indivíduos ativos como uma “espécie estranha”, na qual eles não se reconhecem. (BEAUVOIR, 1990, p. 266)

Beauvoir é clara ao dizer que, com o passar do tempo, os idosos foram perdendo valor social positivo – de imagem de sabedoria e experiência, passou para debilitado e aposentado. Anita, de Feliz Aniversário, perde a função principal atribuída à mulheres idosas quando praticamente é retratada como uma morta. “Ela precisa, para encher seus dias, perpetuar sua ação benéfica; quer sentir-se indispensável a seu deus; a mistificação da dedicação” (BEAUVOIR, 1970, p.354). Haja visto este fato, não foi estranho a fala das alunas de a mulher “não tinha mais utilidade” e por isso fora rejeitada, pois deixara de cumprir o papel que era a sua obrigação, a de zelar pela manutenção de uma família já em frangalhos.

“Mas o que eu poderia ter feito?”, “Por que não fiz alguma coisa?”, como se a cegueira deles demonstrasse a aceitação da situação. Cegueira esta que confirma o caráter invisível da mulher mais velha. Constantemente, os alunos disseram que os laços de suas famílias se fazem mais para manter a aparência social ou seguraram-se em ideais financeiros. Houve o processo do rememorar de culpas e falta de atitude frente a essa situação de injustiça.

Assim, o trabalho cartográfico cumpriu com seu objetivo de fazer refletir e ressaltar mazelas sociais. As reações dos alunos só demonstram a tomada de consciência desse pré-conceito social. Clarice é eficaz em sua abordagem, pois ao mesmo tempo em que dá luz ao assunto, desconstruindo-o, também é ousada o bastante para mostrar o desprezo frente à velhice

feminina e, muitas vezes, hipocrisia. Tal qual ressalta Beauvoir, “que deve a essa mulher que ainda ontem ignorava?” (1970, p.354).

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Martins, 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

\_\_\_\_\_. *O Segundo Sexo: Experiência Vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

CORREA, MR. *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 125 p. ISBN 978-85-7983-003-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

ISOLDA BELO. Velhice e Mulher: Vulnerabilidades e Conquistas. *Revista Feminismos*, vol.1, n.3, set. - dez. 2013.

LISPECTOR, Clarice. *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MARINA JOÃO BERNARDES DE OLIVEIRA. *Entre o azedo e o doce: a personagem feminina idosa em contos de Clarice Lispector e Flávia Savary*. 146 p. Dissertação apresentada para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social) Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Departamento de Humanidades e Educação, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Assis, 2007.

MARREIROS, M. et al. Representações sociais do envelhecimento elaboradas por mulheres. In: RANGEL Tura, L.; OLIVEIRA SILVA, A. (Org.). *Envelhecimento e representações sociais*. Rio de Janeiro: Quartet; Faperj, 2012. p. 201-224.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da economia política*. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Sílvia (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum – v. 2*, 2016.

SANTOS, M. F. S. A velhice na zona rural. Representação social e identidade. In: NASCIMENTO – SCHULZE, C. *Novas contribuições para a teorização e pesquisa em representação social*. Florianópolis: UFSC, 1996.

VANESSA QUEVEDO HORN. *A imagem da velhice na contemporaneidade*. 37p. Monografia de conclusão de curso para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia – Departamento de Humanidades e Educação, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul- UNIJUÍ, Santa Rosa, 2013.